

Mosteiro de Nossa Senhora de Santa Cruz - Itaporanga
Santos Fundadores de Cister
26 de janeiro de 2015
Bênção Abacial de Dom Celso

Leituras: Eclesiástico 44,1.10-15; Hebreus 11,1-2.8-16; Marcos 10,17-30

O Evangelho que a Liturgia prevê para esta solenidade dos Santos Fundadores de Cister, Roberto, Alberico e Estêvão, é o episódio do encontro de Jesus com o jovem rico. Este deseja a vida eterna e desde a juventude guardou fielmente os mandamentos de Deus. Jesus sente afeição por este jovem sedento de absoluto, olha-o com amor e lhe propõe deixar tudo para segui-lo. Mas o jovem se afasta triste, porque é muito rico e tem medo de perder suas riquezas.

São Bento, no início da Regra, que os primeiros cistercienses quiseram observar fielmente, parece descrever este jovem quando, citando o Salmo 33, diz que Deus procura na multidão um homem que deseja a vida e a felicidade: “Se há um homem que deseja a vida eterna e deseja ver dias felizes?” (Pról. 15; Sl 33, 13).

Este homem existe, este homem, esta mulher somos nós. Este homem é todo ser humano, criado por Deus com um coração sedento de vida e felicidade, de vida eterna e felicidade total. E Cristo veio responder a este homem, a este coração. Jesus veio para satisfazer totalmente nossa sede de vida e felicidade, nossa sede de amor e verdade. Ele mesmo é em pessoa a vida e a felicidade plena dos corações. Só Ele responde plenamente à sede do coração humano.

Mas a vida e a alegria que Jesus Cristo nos quer dar não é uma imposição; é uma proposta, é uma oferta que Deus humildemente faz a cada pessoa, a todo coração: “Vinde a mim, todos vós que estais cansados e oprimidos e eu vos darei repouso. Tomai meu jugo sobre vós e aprendei de mim que sou manso e humilde de coração e encontrareis repouso para vossa vida.” (Mt 11,28-29). Por isso pode-se dizer não ao dom da vida que Deus nos quer fazer, como disse Jesus aos Judeus: “Vós não quereis vir a mim para terdes a vida” (Jo 5,40).

O Evangelho que escutamos nos transmite antes de tudo a tristeza de Jesus face ao homem que recusa a vida e a felicidade, ao homem que deseja ardentemente a vida, mas, depois, a recusa precisamente quando a encontra na pessoa do Filho de Deus que nos convida a viver com Ele.

Mas por que o homem recusa a vida? Por que recusa acolher Deus que lhe dá a vida eterna? O homem recusa porque crê que sua felicidade esteja em outro lugar, que a plenitude de sua vida seja outra. O rico não é tanto aquele que tem muitos bens, mas quem crê que a plenitude de sua vida possa ser outra coisa e não Deus mesmo.

“Como é difícil entrar no reino de Deus!”, diz amargamente Jesus a seus discípulos. “É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus!” (Mc 10,24-25).

O Reino de Deus está lá onde o homem permite a Deus doar-lhe a vida eterna; o reino de Deus é lá onde o homem encontra em Deus só a plenitude da vida. O reino de Deus é lá onde o homem segue Jesus, não tendo outro tesouro além de Jesus mesmo.

Por que isso é tão difícil? Por que temos tanta dificuldade em seguir verdadeiramente Cristo e deixar que nos dê a vida eterna que vem dele e está nele?

É porque não confiamos em Jesus, não cremos que Ele seja verdadeiramente mais importante que tudo. Não deixamos tudo por Ele porque não cremos verdadeiramente que Ele valha infinitamente mais que tudo e que nele está a plenitude também de tudo que deixamos. Como Jesus assegura a Pedro: “Quem tiver deixado casa, irmãos, irmãs, mãe, pai, filhos, campos, por causa de mim e do Evangelho, receberá cem vezes mais agora, durante esta vida – casas, irmãos, irmãs, mães, filhos e campos, com perseguições – e, no mundo futuro, a vida eterna.” (Mc 10,29-30)

Podemos até perder a vida por causa dele e Ele nos dá o cêntuplo da vida. Podemos perder por causa dele a vida que passa e Ele nos dá a que é eterna. Podemos abandonar irmãos, irmãs, mães, pais e filhos e Ele nos dá como família toda a Igreja, toda a humanidade. E também nossa relação com nossa família torna-se cem vezes mais intensa.

Mas quem pode ajudar-nos a crer nisso? Quem pode ajudar-nos a vencer nosso medo de perder tudo se deixarmos tudo? Quem pode ajudar-nos a crer que deixando tudo receberemos muito mais?

Jesus mesmo nos responde: “Para os homens isso é impossível, mas não para Deus. Para Deus tudo é possível!” (Mc 10,27).

Percebe-se que Jesus, depois de um momento de tristeza, pela recusa do jovem rico, diz esta frase como se reencontrasse na consciência dessa certeza a paz e a alegria. Jesus recupera a esperança na salvação do jovem rico e de toda a humanidade mergulhando de novo na sua confiança no Pai. Jesus sabe que o Pai pode dar a fé e a vida eterna a todos, mesmo a quem está mais longe, mesmo a quem parece ter recusado para sempre a vida. Jesus reencontra a paz e a esperança na sua fé no fato de que tudo é possível a Deus e que Deus quer ardentemente a salvação do mundo. Por isso mandou-O ao mundo, até a morte na Cruz.

Então os discípulos compreendem que para seguir Jesus até o fim, deixando verdadeiramente tudo por Ele, devem, antes de tudo, entrar na confiança que Jesus tem no Pai. Devem fazer-se disponíveis ao dom da confiança, participar da total confiança de Jesus no Pai, isto é, de sua oração filial ao Pai.

Se queremos o impossível, devemos, antes de tudo, crer no dom da fé e acolhê-lo. A fé de Abraão descrita na epístola aos Hebreus que escutamos. Mas sobretudo a fé dos Apóstolos que é uma fé, uma confiança em Jesus e com Jesus que cresce quando caminhamos com Ele. A fé cristã cresce caminhando com Cristo, permanecendo unidos a Ele, mesmo quando não somos ainda livres para renunciar a tudo por causa dele. O jovem rico poderia ter ficado, poderia ter dito a Jesus que tinha dificuldade em renunciar às riquezas, que tinha necessidade de sua ajuda, de permanecer com Ele para aprender com Ele a confiar totalmente em Deus e, com o tempo, teria feito a experiência do impossível, de uma liberdade e de um desapego totalmente impossíveis ao homem, mas possível para Deus, no dom de seu Espírito.

O caminho que a Igreja propõe, o caminho que são Bento propõe em sua Regra, o caminho escolhido e seguido pelos primeiros Cistercienses não é um caminho dos perfeitos, mas dos homens e mulheres que estão unidos a Jesus para ser por Ele educados na fé que tudo espera do Pai que nos ama. Só no fim da Regra são Bento nos promete que, se a seguirmos com humildade, na comunidade que Deus nos dá, chegaremos a viver aquilo que é impossível, isto é, a viver da graça do Pai que transmite o Espírito e nos transforma à imagem do Filho (cf. RB 73,9).

O Abade, caro Dom Celso, é o guia e o pastor neste caminho. Por isso, não deve fazer mais que encarnar e testemunhar na sua comunidade o amor de Jesus pelo Pai, a oração de Jesus ao Pai, a confiança de Jesus no Pai, para que cada irmão que lhe foi confiado possa encontrar no senhor, Dom Celso, e na comunidade uma amizade que o acompanhe para viver o impossível, para seguir a Cristo com uma doação de si mesmo impossível ao homem, mas sempre – sempre! – possível a Deus. O abade deve cultivar em primeiro lugar a fé no fato de que a conversão que leva a perder-se a si mesmo para seguir Jesus em direção à vida eterna é sempre possível, porque é possível graças a Deus e somente graças a Ele. O abade deve crer nisso antes de tudo com relação a si mesmo, porque ser um abade que deixa transparecer perfeitamente o Cristo é impossível para um homem. Mas é possível para Deus, é obra do Espírito Santo. O abade deve cultivar a fé de Maria, a fé *com* Maria, aquela que acreditou que “nada é impossível para Deus” (Lc 1,37), nem mesmo fazer-se homem para salvar toda humanidade.

Por isso, caro Dom Celso e caros irmãos e irmãs, creio que a graça mais importante que devemos pedir a Deus nesta liturgia de bênção abacial seja exatamente a graça da confiança de Jesus em seu Pai. Tudo o mais é impossível ao homem, mas possível a Deus e, portanto, dom certo e abundante do Espírito Santo!

P. Mauro-Giuseppe Lepori
Abade Geral O. Cist.